

## **(RE) PENSANDO REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO ENTRE ESTUDANTES DE 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL<sup>1</sup>**

Quézia Delgado Caleffi Lemos<sup>2</sup>

Sabrine Weber<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O objetivo que conduziu este artigo foi analisar a influência dos contos de fadas na maneira como as crianças do 3º ano Ensino Fundamental 1 verbalizam e representam de forma não-verbal as representações de gênero através de Contos de Fadas tradicionais e das reinvenções feitas pelas Coleções Antiprinçasas e Anti-heróis. A turma escolhida apresenta estudantes entre 8 a 10 anos e pertence a uma escola estadual do oeste de Santa Catarina. Este estudo desenvolveu-se como uma pesquisa qualitativa, descritiva e bibliográfica com participação ativa dos estudantes. Foram mobilizadas as concepções de leitura e escrita presentes nos PCNs, conceitos e história da formação do imaginário da criança pelos contos de fadas (BETTELHEIM; CANTON) e abordagem da educação como desenvolvimento da conscientização crítica (FREIRE). As atuais Coleções Antiprinçasas e Anti-heróis foram as recontextualizações utilizadas para apresentar às crianças outras configurações de representação para príncipe e princesa. Para alcançar o objetivo proposto, este trabalho teve três fases de desenvolvimento: (1) fase exploratória - conhecimento da turma; (2) coleta de dados - aplicação de questionário com orientação de desenhos e narrativa; (3) análise e interpretação dos dados. Como resultado, foram identificadas, nos textos e nos desenhos, representações que se aproximam das clássicas quando descrevem aparência das personagens, mas também foram identificadas representações para príncipe e princesa independentes, mais próximas daquelas presentes na Coleção Antiprinçasas e Anti-heróis. Logo, foi possível constatar que os estudantes, ao protagonizarem eventos de letramento, puderam refletir criticamente por meio de consciência linguística da situação comunicativa vivenciada à medida que relacionaram seus textos aos contextos de produção e circulação.

**Palavras-Chave:** Representações de Gênero. Coleção Antiprinçasas. Formação de leitores.

### **1 INTRODUÇÃO**

A decodificação de textos, primeiro nível de leitura, conforme Kleiman (2004), compõe um processo que marca a alfabetização do ser humano por facilitar o registro de suas descobertas, dos sons, da pronúncia, de seus anseios, de sua forma de ver e experienciar o mundo que o cerca. Os estudos sobre alfabetização feitos por José e Coelho (1999) apontam a importância de a leitura ser entendida, nesse período de decodificação, como o envolvimento da discriminação visual dos símbolos impressos e a associação entre a palavra impressa e o som, um processo abrangente que envolve aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos.

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado do trabalho final apresentado como conclusão do curso de Especialização em Concepções Multidisciplinares de Leitura, pelo Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, Xanxerê.

<sup>2</sup> Autora. Graduada em Pedagogia pela UNOESC Xanxerê - SC, pós-graduada em Psicopedagogia pela Faculdade de Educação São Luís, Jaboticabal - SP e pós-graduada em Concepções Multidisciplinares de Leitura-IFSC. E-mail: [quezia.caleffi@gmail.com](mailto:quezia.caleffi@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora. Doutoranda em Letras, área Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [sabrinegweber@gmail.com](mailto:sabrinegweber@gmail.com).

Além disso, a escrita é a expressão humana traduzida em palavras através de mensagens repletas de sentidos e significados, podendo ser, conforme declara Mendel (2011), “uma surpresa ou um segredo, uma inspiração que nos religa ao mundo”. Ela está diretamente associada à forma como as crianças desenvolvem sua fala, articulam as palavras, manipulam os objetos de escrita, forma como conseguem expressar suas vivências amplamente influenciadas pelas literaturas presentes em seu dia a dia ou pelo convívio cultural que desfruta e, nessa perspectiva, de acordo com Mielnik (1982) “os estímulos, ou seja, “as partidas” no motor das atividades infantis, tanto podem ser internos, psíquicos ou fisiológicos, como externos, nascidos do ambiente em que a criança se insere”.

Considerando, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa para os anos iniciais do ensino fundamental asseguram, sobre a aprendizagem da língua, que:

[...] aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. A linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicar idéias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes (BRASIL, 1997, p. 22)

Sobre a infância e sua relação com os estímulos que as crianças recebem, Prout (2010) destaca que “a ideia é que as infâncias, no plural aqui, e não no singular, são construídas mais diversamente e localmente mediante a interação contínua entre atores humanos”. Percebe-se, nesse sentido, o destaque que o autor dá a influências advindas de interações com outros sujeitos e com o meio em que cada indivíduo está inserido. Tal viés vai ao encontro da perspectiva sociointeracionista de desenvolvimento, a qual, a partir de conceitos vygostysquianos, destaca-se a importância da linguagem para o desenvolvimento cognitivo e social do homem, ressaltando que a linguagem é criada diante do caráter social do ser humano. Assim, há uma relação interdependente entre linguagem e pensamento e todo desenvolvimento da linguagem que ocorre motivado pelos acessos e contatos que a criança tem na infância, tendo na linguagem a expressão do pensamento (VYGOTSKY, 2003).

As várias formas de leitura, as quais o leitor/escritor está exposto, contribuirão para o seu imaginário (KLEIMAN, 2004). Destaca-se, diante disso, que, na infância, geralmente os primeiros contatos literários são com os contos de fadas e, nestas histórias, o encantamento se faz presente e a criança passa a vivenciar o enredo como se fosse o seu próprio mundo, um mundo imaginário, irreal, tendo em personagens, como princesas e príncipes, parâmetros para as meninas de doçura, encanto e fragilidade enquanto que, para os meninos, coragem, força e

proteção masculina. Neles e em algumas situações atuais, as representações de gênero advêm de um processo histórico, cultural e socialmente construídos através da opressão das mulheres, hegemonia e dominação masculina (BUTLER, 2003), onde a mulher busca constantemente seu espaço.

Nesse sentido, no contexto dos processos de leitura e escrita, este artigo objetivou relatar um processo de atividades envolvendo contos de fadas e identificar representações de gênero no processo de escrita de narrativas e de ilustrações por estudantes de 3º ano do Ensino Fundamental, no contato com a leitura das *Coleções Antiprincesas e Anti-heróis* da Editora Sur. Na próxima seção, são apresentadas as bases teóricas utilizadas para o planejamento de intervenções em sala de aula e a análise dos textos. Em seguida, é descrita a metodologia empregada, a partir da qual é empreendida a análise dos dados obtidos nos textos selecionados e, por fim, sistematizadas conclusões a que o estudo permitiu chegar.

## **2 CONTOS DE FADA E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO INFANTIL**

A maneira como a literatura infantil influencia a formação da mentalidade e da personalidade infantil torna-se evidente nos textos e imagens literárias. Prout (2010) afirma que “a forma da infância em uma determinada sociedade pode ser moldada por fenômenos distantes dela, espacial ou temporalmente”. A criança não necessariamente precisa ter vivido nos tempos dos contos de fadas para ser influenciada por elas, pois isso se dá pelas histórias junto de imagens que os leitores experienciam no contato com as narrativas.

Nos contos de fadas tradicionais, as princesas são representadas como dóceis, comportadas, inseridas em um padrão de beleza - magras, brancas, cabelos longos - e à espera de um príncipe encantado. O príncipe encantado representado por um homem forte, corajoso, destemido, sempre pronto a encarar os desafios apresentados no decorrer das histórias para salvar a princesa e ter um final de “felizes para sempre” junto dela (CANTON, 2009).

Por outro lado, Bettelheim (1980) analisa os contos de fada como um tipo de texto que auxilia a criança (fase edípica - entre 3 e 7 anos), no desenvolvimento de seu psiquismo, podendo funcionar como catarse, quando ela é capaz de identificar os personagens e libertar de algumas tensões psíquicas. O psicanalista francês René Diatkine (1993, p.7) afirma que os contos de fada auxiliam no desenvolvimento de adultos equilibrados e saudáveis quando expressa que “ensinar crianças a controlar seus medos através dos contos é protegê-las”.

É notável que o desejo da criança de compreensão do mundo a leve a tirar suas próprias conclusões quando problematiza situações vividas nos contos de fadas, de acordo com Fernandes (2009, p. 95), respeitando a inteligência da criança e auxiliando-a a construir

sua maturidade como pessoa à medida que se depara com personagens que buscam sua independência.

Entretanto, tal influência, se não trabalhada de modo crítico - relações entre texto e contexto (FREIRE, 2000) e comparativo a outras produções - pode reforçar estereótipos de gênero entre as crianças já que muitas se espelham nessas princesas idealizadas e as inserem em diversos espaços de seu dia a dia (aniversários, materiais escolares, brinquedos..).

Para questionar tais estereótipos, a *Coleção Antiprincesas e Anti-heróis*, com as primeiras publicações feitas na Argentina no ano de 2015 (originalmente em espanhol), traz histórias com o intuito de mostrar a importância das princesas se sentirem mais reais, livres, independentes, que pudessem crescer e trabalharem e estudando por si mesmas, as quais foram denominadas de *Antiprincesas*. Da mesma forma, os príncipes aparecem realizando outros feitos que não apenas heróicos, com figuras de homens que podem ser inseguros e demonstrar fraqueza, os quais são denominados de *Anti-heróis*.

A jornalista e escritora argentina Nadia Fink, criadora desta coleção, buscou em mulheres e homens reais inspiração para tornar seus feitos cotidianos heróicos, sendo eles mesmos, lutando por uma vida melhor. O ilustrador das obras é Pitu Saa, também argentino. Os livros são editados pela Editora Chirimbote (espanhol) e Sur Livro (português).

Antiprincesa traz a ideologia de que as princesas possam querer outro tipo de espelho, onde consigam ver quem realmente são. Fink (2019) aponta o espelho que as antiprincesas querem: “Queremos espelhos que mostrem como somos de verdade: de muitos tamanhos e cores, descabeladas, com picadas de pernilongo, com piolhos na cabeça, com laços desfeitos de tanto brincar no balanço, e com um sorriso gigante de tanto gostar de nós mesmas”. A respeito disso, no livro *Frida Kahlo*, desta coleção, a autora faz a seguinte consideração:

Por que sempre que nos falamos de história, nos contamos sobre mulheres e homens “importantes”? Importantes como as princesas tão bem vestidinhas que não podem sair para brincar e se sujar? Ou importantes como os super-heróis e seus superpoderes que estão tão longe da gente? algo assim, mas não: quando aqui dizemos “importantes”, estamos falando de quem se sujou para crescer e se divertir, de quem não ficou esperando sentado e de quem também usou superpoderes, mas outros: ter a coragem de fazer algo mais, procurar entender o mundo de outra maneira, saltar obstáculos e deixar uma obra que está além de qualquer tempo. Assim, começamos a tecer estes livros, pequenos ou grandes percursos de desenhos e palavras, para contar histórias que merecem ser contadas (FINK, 2016b, p. 3).

A autora (Idem) ainda salienta que não é comum contar histórias para crianças sobre meninas que disputam vagas para estudar em uma escola onde apenas meninos estudavam, ou de uma menina que tinha uma perna menor que a outra e a disfarçava com suas roupas para não ser motivo de gozação.

Portanto, a vida real de uma criança com enfermidades normais podem ser reconhecidas como no livro de Frida Kahlo, no qual Fink (2016b) cita: “Aos seis anos, teve uma doença que fez com que sua perna direita crescesse menos, ficando mais curta do que a outra. Por isso acabou manca para o resto da vida”. Percebe-se também a adaptação da obra para uma linguagem infantil com uso de diminutivos e com foco em ações principais da vida da protagonista, sendo fatos desafiantes e sem “final feliz com príncipe encantado”, como em:

Frida sofreu ferimentos graves, mas, para surpresa dos médicos, sobreviveu. Então, teve de ficar bem quietinha para que seus ossos voltassem a ser fortes [...] Frida resolveu pintar. Sua mãe também tinha instalado um espelho acima da cama para que ela pudesse se ver. De início Frida se zangava ao se perceber tão imóvel, mas depois decidiu ser sua própria modelo: se tinha de ver aquele rosto o dia inteiro, essa seria sua fonte de inspiração (FINK, 2016b, p.12).

A autora das *Coleções Antiprincesas e Anti-heróis*, ao introduzir a obra *Antiespelho*, traz o questionamento: “isso de esperar que alguém nos resgate é bastante entediante... Como se faz para dormir 100 anos?! Por que ter que ser escolhida em um baile?! Quem inventou que um príncipe tem que dar um beijo se estamos dormindo?!” (FINK, 2019). O intuito é orientar, proporcionar condições às crianças para serem aquilo que gostam, aquilo que as faz felizes. Essa é a ideia estabelecida na *Coleção Antiprincesas*, quando Fink esclarece:

Quando crescermos teremos tempo para ser, estudar, trabalhar, viajar, e fazer as coisas que nos fazem bem, para nós e para quem está ao nosso redor. Nós, antiprincesas, não queremos ser obrigadas a fazer o que fizeram nossas mães, pais ou alguém da família. Por que, às vezes, uma tradição familiar se transforma em uma obrigação? O melhor de crescer e “ser grande” é, também, aprender a escolher! (FINK, 2019, p. 17).

Destaca-se, ainda, que os textos trazidos nos livros das coleções são predominantemente narrativos por mais que trate, em algumas passagens, de fragmentos descritivos. A história apresenta etapas correspondentes a uma narrativa, sendo elas: situação inicial, problematização, clímax e desfecho. O que difere de outras narrativas, como os contos clássicos, são a escolha das protagonistas e o enredo baseado em conflitos reais que indicam a razão de Frida ser considerada uma princesa, mas diferente do estereótipo marcado em outros contos, por isso: uma antiprincesa.

### **3. LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Em relação à escrita e produção de textos, vale destacar o conceito de compreensão responsiva de Bakhtin (2000). Conforme o autor (Idem, p. 291), a escrita não é uma atividade solitária, mas uma atividade na qual “um sujeito-autor lança uma palavra a um sujeito-leitor no mundo, cuja representação imaginária é produzida pelo sujeito-autor”. Isto é, quando, na escola, o produtor de texto não encontra um leitor/interlocutor - somente um avaliador na

figura do professor - a atividade de escrita torna-se artificial, porque aparenta ser monológica. Por isso, no processo de leitura do texto em produção, espera-se que os leitores (professor e alunos) tenham, nos termos de Bakhtin (2000), uma “atitude responsiva-ativa”, reagindo e respondendo ao texto que foi lido.

A escrita, neste trabalho, é concebida como um processo. De acordo com a abordagem processual da escrita, desde o momento em que se recebe a incumbência de escrever um texto até o momento em que possa ser socializado (se for o caso), passa-se por, pelo menos, três estágios, conforme descritos por Soares (2009): 1) pré-escrita – realização de atividades que auxiliem o autor a descobrir maneiras de abordar a tarefa de produção textual, a identificar ou seção de linear o contexto, a coletar informações e a gerar ideias; 2) escrita do texto – registro organizado das ideias e informações em forma de texto conforme o gênero proposto; 3) revisão ou pós-escrita – realização de atividades que incluem um período de leitura e avaliação do que foi (re) escrito e recebimento de feedbacks do professor e/ou dos colegas sobre adequação do texto à tarefa, conteúdo, estrutura textual, aspectos formais e expressão linguística, como auxílio para que o autor possa qualificar seu texto e, por conseguinte, encaminhar o produto final para sua finalidade no meio social. Neste artigo, porém, o foco se dá nas atividades de pré-escrita e de escrita com os feedbacks orais.

Considerando as obras das coleções, destaca-se o público leitor escolhido para este estudo (3º ano do Ensino Fundamental) como apropriado, o qual será apresentado e explicado na próxima seção junto dos procedimentos que foram realizados para a análise.

#### **4 METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento deste artigo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e, com vistas a analisar e apresentar dados relevantes através da aplicação de questionário e análise de dados, foi realizada pesquisa qualitativa descritiva.

As atividades foram desenvolvidas com estudantes de uma turma do terceiro ano do ensino fundamental da Escola de Ensino Fundamental Augusto Colatto, localizada em Xanxerê, Santa Catarina, Brasil. A escolha dessa turma, nesse contexto específico, foi motivada pelo fato de que a autora deste artigo, foi, na época, professora regente da turma. Por isso, era de conhecimento as atividades de literatura já realizadas, ao longo do ano, como leitura diária de textos devocionais, no início da aula, e, semanalmente, leitura de um livro para atividade avaliativa, além de atividades - também semanalmente - articuladas ao projeto “Clube da Leitura”, idealizado pela turma, como momento de lazer e livros de livre escolha, e,

por fim, uma aula semanal de leitura como parte do processo político pedagógico da escola, com leituras diversas, contação de histórias, histórias em quadrinhos, revistas, dentre outros. Percebeu-se, nessas atividades que já vinham ocorrendo, que a turma apresentava muita curiosidade para descobrir o que havia nos livros, seu enredo, imagens, personagens, isto é: a turma demonstrava prazer e ânimo pela leitura.

As *Coleções Antiprincesas e Anti-heróis* foram escolhidas pois suas narrativas trazem um olhar sobre a realidade oposto aos paradigmas consolidados de contos de fadas tradicionais. A escolha também se deu em razão de o público leitor recomendado para a leitura das narrativas presentes em cada obra serem crianças entre 8 a 10 anos e, ainda, *leitura e interpretação de contos* é conteúdo previsto para ser trabalhado com o 3º ano.

Ademais, este trabalho teve três fases de desenvolvimento: (1) fase exploratória; (2) coleta de dados; (3) análise e interpretação dos dados.

Na fase exploratória, entrou-se em contato com a Escola de Ensino Fundamental Augusto Colatto, que faz parte da rede estadual de ensino e atende o Ensino Fundamental 1 e 2, 1º ao 9º ano. Após acordo com a escola, entrou-se em contato com os educandos e educandas da turma apresentando-lhes a proposta de trabalho. Assim, diante dos relatos dos estudantes, pode-se perceber o conhecimento prévio e reorganizar o problema de pesquisa frente aos pesquisados. A turma escolhida foi o terceiro ano do ensino fundamental, composta por 30 alunos, sendo 16 meninas e 14 meninos.

Após conhecer o universo de pesquisa, deu-se a escolha de contos das *Coleções Antiprincesas e Anti-heróis*, que seriam trabalhados. Foram selecionados: Frida Kahlo, Clarice Lispector, Violeta Parra, Eduardo Galeano, Che Guevara e Antiespelho.

Na segunda fase, tendo o conhecimento que a primeira fase proporcionou e considerando o tempo disponível para execução da pesquisa, foi realizada a coleta de dados mediante a turma de terceiro ano. Os instrumentos da coleta de dados foram:

- a. Questionários dirigidos aos alunos sobre os conceitos de príncipe e princesa, baseados nos contos de fadas tradicionais junto da produção de um auto retrato sobre representação de príncipe e princesa (APÊNDICE A).
- b. Questionários dirigidos aos alunos sobre os conceitos de anti-herói e antiprincesa, baseados nos entendimentos de anti-herói e antiprincesa junto da produção de um auto retrato sobre representação de anti-herói e antiprincesa (APÊNDICE B).
- c. Produção escrita de narrativa a partir de uma proposta de produção textual sobre a modernização de um conto clássico (APÊNDICE C).

- d. Registros de observações e depoimentos orais dos alunos durante a realização das atividades sugeridas.

Como terceira fase, foi feita a análise dos dados obtidos. Para isso, optou-se pela análise discursiva, descrevendo as variáveis contextuais dos textos de produção dos alunos, identificando, por meio de recorrências linguísticas, a presença de representações de gênero, comparando e refletindo sobre as representações presentes pré e pós conhecimento das obras das *Coleções Antiprincesas e Anti-heróis*. Todos os textos foram analisados resultando nas categorias/classificações das representações encontradas, mas, nos resultados, por questão metodológica, serão apresentados exemplo de trechos representativos para cada categoria.

## **5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Os resultados são apresentados considerando cada uma das fases descritas na metodologia e, por isso, seguem dois tópicos: no primeiro, são descritas de forma reflexiva as atividades desenvolvidas com os estudantes e, no segundo, são apresentadas as representações encontradas junto de exemplos.

### **5.1 Ações e reflexões da prática como processo**

Os alunos foram convidados a relatar suas histórias favoritas de Contos de Fadas, a atividade os remeteu aos seus 3 a 5 anos, tendo em suas falas que ouviram tais contos de seus pais, avós e professores. Além de dizer o título de suas histórias, alguns contaram as histórias e todos, mesmo já as conhecendo, ouviram com atenção e demonstraram seu entusiasmo e encantamento ao ouvi-las.

Realizamos conversa e apresentação de slides com a temática Contos de Fadas, com a participação ativa dos estudantes, analisando os conceitos e imagens. Os conceitos diziam respeito aos primórdios dos Contos de Fadas em que ainda não eram destinados ao público infantil, mas adultos com a necessidade de explicar os fatos que ocorriam, especialmente nas florestas, envolvendo fenômenos naturais e seres mitológicos. Fatos do cotidiano, rodeados de aventuras vividas por pessoas simples, destinados à diversão.

As crianças puderam concluir que narrativas curtas ou longas possuem um início semelhante “Era uma vez...”, tem herói ou heroína, apresentam um grande obstáculo e a luta entre o bem e o mal, geralmente vencida pelo bem. Puderam identificar a presença de magia ou encantamento, liberdade para o imaginário, obstáculos e superação, beleza e perfeição, sensibilidade, coragem.

Após conversas, questionamentos e depoimentos, a aplicação da primeira atividade sugerindo que os alunos representassem sua imagem frente a um espelho sendo eles mesmos herói ou heroína. Neste dia, sugerimos que trouxessem fantasias ou adereços para compor o figurino dos personagens e também um espelho a fim de vislumbrar sua imagem.

Em seguida, responderam a um questionário relatando conto de fadas conhecido, preferido, motivo da preferência, definição para príncipe e princesa (no contexto conto de fadas), características para eles, o que no modo de vida dos personagens chamava a atenção, a vida da criança tinha algo a ver com os contos e se era possível viver como nesses contos.

Em algumas aulas, apresentamos à turma do 3º ano outros conceitos para heróis e heroínas, homens e mulheres que estão próximos a nós, que são reais, que se sujam, se machucam, sofrem e nem sempre têm finais felizes. Mostramos aos alunos também, através de slides, o que as pessoas fazem hoje, em seu dia a dia, para sobreviver e como é a vida real de pessoas como nós. Apresentamos o estereótipo de miss e o que elas realmente sofrem para chegar neste patamar para ser um ícone de beleza, de mulheres que sofrem com seu corpo após gravidez, de aceitação do corpo como realmente é e não como uma beleza imposta pela mídia, de dificuldades ou enfermidades físicas, vícios, talentos, como são os bonecos que as crianças têm. Acrescido a isso, a autora Nádia Fink e o ilustrador Pitu Saa, e junto aos conceitos de anti-herói e antiprincesa através de sua criação a Coleção Anti-heróis e Antiprinçasas. Fizemos a contação das histórias dos livros disponíveis em português.

Após os alunos terem sido apresentados às obras das *Coleções Anti-heróis e Antiprinçasas*, houve a realização da segunda atividade que foi a representação artística de si mesmo, novamente frente ao espelho, como um anti-herói ou antiprincesa. Responderam a um questionário, nos moldes da primeira atividade, em que as perguntas semelhantes ao primeiro questionário foram remetidas a anti-herói e antiprincesa.

A proposta da narrativa foi o auge do projeto. Os alunos foram convidados a criarem uma produção textual baseada em um conto, trazendo-o para o contexto atual, destacando personagem principal e suas características, aventuras vividas, inspirando-se nos anti-heróis e antiprinçasas conhecidos. A história deveria ter 3 parágrafos (início, meio e fim) e um final surpreendente. Havendo tempo, poderiam criar uma ilustração para sua narrativa.

## **5.2 Representações presentes nas produções**

Como resposta à primeira atividade, auto-retrato com personagem de conto de fadas, as crianças, a princípio, ficaram temerosas em desenhar algo tão irreal, afinal as princesas parecem perfeitas, tem seus cabelos bem arrumadinhos, os príncipes usam coroas, armas, não

há marcas em seus rostos. Após o primeiro momento de timidez, com diálogo, iniciaram os desenhos: primeiro, olharam-se no espelho levado pela professora e, em seguida, tentaram reproduzir o que viam, alguns inclusive com as cores comumente utilizadas pela realeza.

As respostas ao questionário retratam que as crianças reproduziram, nos desenhos, as representações tradicionais de príncipe e princesa. Os príncipes foram relatados como fortes, guerreiros, musculosos, destemidos, românticos, inteligentes. As princesas como delicadas, belas, cabelos lisos, doce voz, perfeitas, educadas, frágeis. Algumas das ilustrações serão apresentadas a seguir.

Também foi possível perceber, no andamento das atividades, que os alunos e as alunas distinguiram o seu modo de vida a dos contos de fada através da comparação de atividades desenvolvidas, dos elementos mágicos (fadas, duendes...), locais onde moram, roupas, trabalhos domésticos, mulheres trabalham, vida é difícil.

Aos serem questionados sobre como entendem as diferenças, alguns responderam acreditar ser possível viver como nos contos de fada, é só preciso lutar para isso. Outros não, esse mundo é muito distante do qual vivem, mas que gostam de imaginar o fantástico. Essas respostas reforçam a importância da literatura no imaginário da criança e o papel originário dos contos clássicos de “fugir da realidade e inserir em um mundo perfeito” (CANTON, 2009). Nesse sentido, também percebe-se a necessidade de problematizar o que é apresentado como única forma de perfeito (pela representação de gêneros ocupados pelos personagens).

Com os slides sobre anti-herói e antiprincesa, os alunos vibraram ao saber que pessoas normais, com viveres parecidos aos seus puderam transformar suas vidas e terem finais felizes mesmo em meio a tantas dificuldades e sem a presença de magia ou superpoderes. Os poderes que eles perceberam nos personagens das histórias da *Coleção Antiprincesa e Anti-herói* foram garra, vontade, luta.

Na representação como anti-herói ou antiprincesa, as meninas desenharam seus cabelos crespos, rebeldes, suas marquinhas do sol, cabelos presos, uniformes escolares. Os meninos desenharam seus cabelos desarrumados, magreza/gordura, orelhas grandes, óculos, time de futebol. Também destacamos que uma criança negra da turma, no primeiro desenho, havia desenhado sua imagem com pele clara, já no segundo desenho, usou uma cor mais escura, mas não usou a cor mais próxima da coloração da sua pele. Algumas representações são apresentadas, de forma comparativa, nas figuras a seguir. Cada figura apresenta dois auto-retratos: o primeiro a partir da atividade inicial (desenhando-se como princesa/príncipe sem conhecer outras versões de princesas e príncipes que não aquelas apresentadas nos contos

clássicos) e o segundo a partir da leitura e discussão de outros perfis de princesas contemporâneas, as antiprincesas/anti-heróis.

Figuras 1 e 2 - auto-retrato da estudante A<sup>4</sup>: princesa e antiprincesa.



Fonte: acervo das autoras.

Figuras 3 e 4 - auto-retrato do estudante B: príncipe e anti-herói.



Fonte: acervo das autoras.

---

<sup>4</sup> Optamos por usar letras nos nomes dos estudantes para garantir a identidade dos autores.

Figuras 5 e 6 - auto-retrato do estudante negro C: príncipe e anti-herói.



Fonte: acervo das autoras.

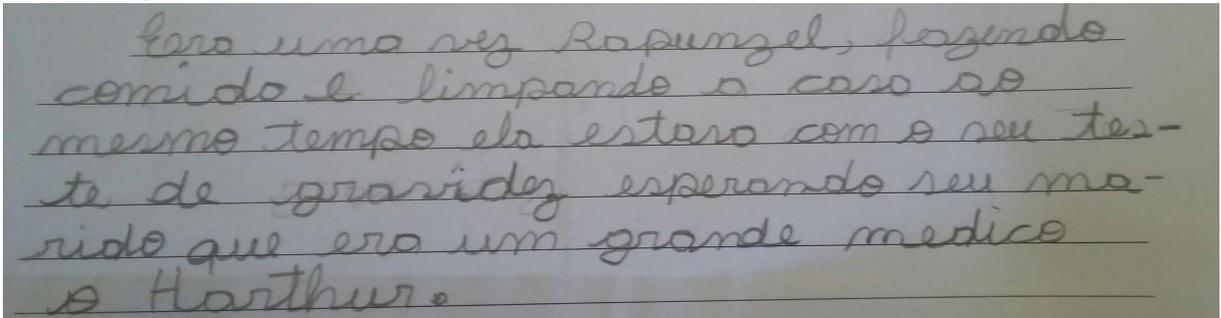
Durante a escrita dos textos, as professoras (da turma e orientadora do projeto) acompanharam as produções, sanando dúvidas, esclarecendo questões sobre escritas de palavras. Não houve tempo oportuno para apresentação ao grande grupo e nem para a escrita de uma segunda versão do texto.

Os textos analisados trouxeram incorporações dos elementos contemporâneos mais do que a ressignificação de papéis, e de representações de gênero, o que acredita-se levará ainda algum tempo para absorção por parte das crianças em seu processo educativo, dependendo da forma como o assunto continuar a ser abordado ou não.

As histórias foram lidas, analisadas buscando nelas representações de anti-heróis e antiprincesas. Os resultados encontrados foram dentro do esperado. Constatou-se como a influência das obras da *Coleção Antiprincesas e Anti-heróis* foram absorvidas pelos alunos e estes puderam transcrever a simplicidade da vida dos anti-heróis e antiprincesas, como pessoas normais, que não precisam fazer nada de extraordinário para serem o que são, precisam viver suas vidas e fazer delas o melhor lugar para se viver. Foi possível observar que seus textos seguiram a estrutura de conto, iniciaram com expressões comuns aos contos clássicos (era uma vez, em uma noite chuvosa - conto da “Princesa e a Ervilha”), seguiram as etapas de apresentação do cenário e personagens, situação inicial, conflito e resolução. Nos dois primeiros fragmentos selecionados para exemplificar as representações, percebe-se uma

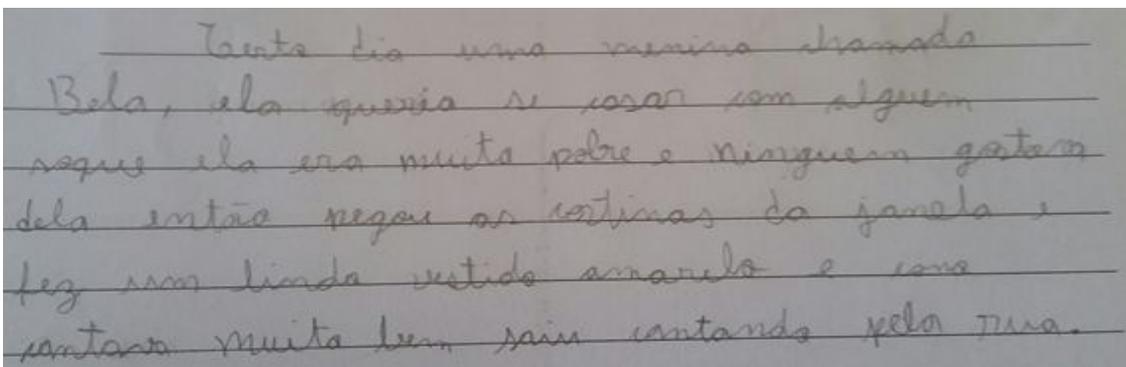
aproximação de papéis de princesas presentes nos contos clássicos. No fragmento 1, a seguir, mesmo inserindo elementos que indicam a contemporaneidade da ação do conto, a protagonista exerce a função de realizar atividades domésticas no papel de mãe e esposa, aguardando o marido que exerce uma função reconhecida socialmente:

Fragmento 1.



No segundo fragmento, a protagonista deseja ascender socialmente e melhorar a qualidade de vida e, para isso, revela, já no início do conto, o desejo de casar, como oportunidade de sair de sua atual condição. Percebe-se que a recontextualização é feita a partir da história original de Violeta - *Coleção Antiprincesas* - pois há a semelhança no nome e em construir suas próprias roupas com tecidos que tem em casa. Porém, na recontextualização a protagonista mostra-se com roupas elegantes para atingir a finalidade de esperar alguém - um príncipe - que pode salvar da condição que ocupa, enquanto que, no conto original, a protagonista é autossuficiente e suas ações são para atingir os objetivos de carreira profissional.

Fragmento 2.



No fragmento 3, percebe-se que o protagonista procura métodos para melhorar a aparência e ser aceito no trabalho que executa e poder encontrar a namorada que deseja. Tal representação reproduz aspectos da aceitação física como prioridade.

## Fragmento 3.

Claudine faz a cruzina e tira tacho as imperfeições

No fragmento 4, percebe-se que o autor do texto inseriu marcas do contexto atual, geralmente, habitual de uma criança. No conto reinventado, percebe-se o conto original escolhido como plano de fundo - orientação dada na proposta de produção. O conto da Cinderela é reinventado para, em vez de a protagonista usar sapato de cristal indicando sua delicadeza, a princesa, no conto reinventado, usa tênis que é mais confortável, para encontrar amigas no momento de lazer.

## Fragmento 4.

Chegando lá se divertiu muito conversando com algumas amigas Kauanara e Isabella. Demorou que eram quase onze horas e foi para casa levando perdeu um tênis no caminho.

Ainda em relação à inserção de marcas contemporâneas e do próprio contexto, os próximos dois excertos assemelham-se na representação de refeições dos protagonistas ao serem inseridas comidas da própria cultura.

## Fragmento 5.

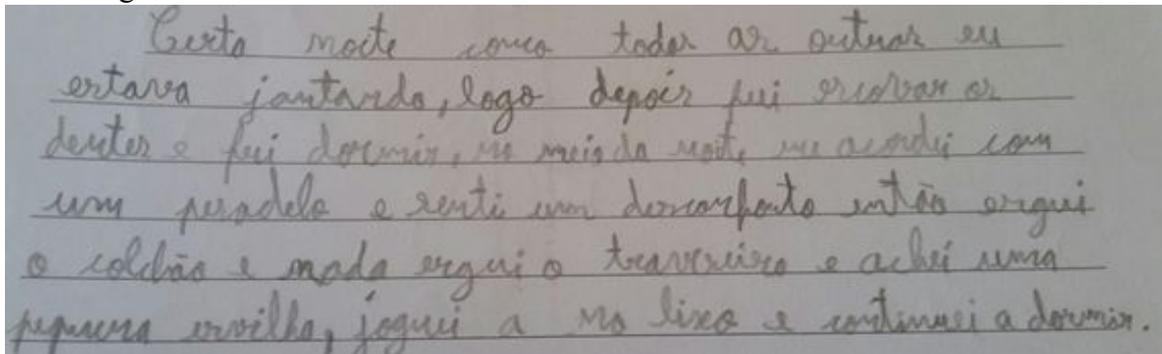
Um dia eles tiveram uma visita, fizeram muita pipoca e mate-doce, no que começou a dar 06:00 em ponto, então foram para casa onde lá irão fazer seus deveres.

## Fragmento 6.

... a apresentação da noite cultural e comeram feijão com macarrão e

No próximo fragmento, destaca-se a representação de princesa na reinvenção do conto clássico “A princesa e a ervilha”. No conto original, a protagonista é identificada como princesa por ser tão sensível ao ponto de perceber uma ervilha, ao passar uma noite sem dormir. Já na reescrita feita pela estudante, percebe-se que a protagonista, como uma criança do sexo feminino resolve o problema do desconforto. Sente o incômodo da ervilha - assim como no conto original - mas resolve o problema de forma imediata, pró-ativa.

Fragmento 7.



Por fim, são apresentadas, nas Figuras 7 a 10, alguns registros dos momentos de produções realizadas pelas crianças.

**Figuras 7 a 10** - Momentos de escrita dos textos a partir da proposta de redação sobre Antiprincesas e Anti-Heróis.





Fonte: acervo das autoras.

A partir dos resultados apresentados por meio dos exemplos, na próxima seção, são feitas algumas considerações do estudo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento das atividades relatadas neste artigo, foi possível identificar representações de gênero influenciadas pelos acessos a leituras que as crianças têm. Durante as atividades, também foi possível perceber o lugar que os contos de fadas ainda ocupam na infância e que são por meio deles que a criança pode ser despertada pelo gosto literário, mobilizando habilidades para trabalhar com suas emoções. As *Coleções Antiprincesas e Anti-heróis*, ao retratar seus personagens com fraquezas, mas, mesmo assim, ocupando um lugar de destaque no enredo, mostraram às crianças que o final feliz, às vezes, se dá no processo da trajetória e que esta pode ser desafiante em vários momentos. Pelas produções (textos e desenhos), os estudantes demonstraram um reconhecimento de si como príncipes e princesas em seu contexto contemporâneo atualizado com os desafios enfrentados diariamente, inserindo tecnologias, animes e demais entretenimento que ocupam a rotina de muitas crianças.

Além disso, percebeu-se que a curiosidade e competência leitora das crianças foram incentivadas com o trabalho orientado de leitura e escrita, instigando-os a relacionarem os textos a seus contextos de produção (BRASIL, 1998, p.24). Nessa perspectiva de atividades de leitura e escrita, o letramento é visto como espaço que “possibilita a construção de novas formas de participação no mundo através da e com a linguagem” (OTEÍZA, 2006, p. 194).

As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura (BRASIL, 1998, p.24). Através dos contos de fada, a criança é

despertada pelo gosto literário e aprende a trabalhar com suas emoções, imaginação e encanto. *As Coleções Antiprincesas e Anti-heróis* retratam a vida como ela é de seus personagens, de forma a também encantar seus leitores com o lado bom e difícil de suas experiências reais.

A coleta do material, a análise, as anotações, as vivências, as leituras, foram os dados que deram suporte para a elaboração das análises sistematizadas com vistas a dar maior clareza às informações coletadas. Foi partindo desse material que se deu a elaboração deste artigo. No entanto, teve-se clareza de que não seria possível uma análise minuciosa de cada resposta obtida, das produções dos educandos, os textos e respostas aos questionários foram analisados, com foco nas representações presentes como objetivo principal deste trabalho.

## **(RE) THINKING GENDER REPRESENTATIONS**

### **AMONG CHILDREN OF THE THIRD GRADE ELEMENTARY SCHOOL <sup>1</sup>**

#### **ABSTRACT**

The purpose that conduced this article was to analyze the influence of fairy tales on the way children of the third grade Elementary School (1) verbalize and represent through verbal and non-verbal language, gender representations over traditional Fairy Tales and reinventions of them, made by the Anti-Princess and Anti-Heroes Collections. The chosen class contains students between eight and ten years old and it belongs to a state school in the West of Santa Catarina. This study was developed as a qualitative, descriptive and bibliographic research with the active participation of the students. The concepts of reading and writing present in the PCNs, were mobilized as well as, the concepts and history of the creation of the child's imagination by Fairy Tales (BETTELHEIM; CANTON) and the approach to education as the critical awareness development (FREIRE). The actuals Anti-Princess and Anti-Heroes Collections were the re-contextualizing used to present other representation of prince and princess for children. To achieve the intended purpose, this work had three phases of development: (1) exploratory phase - knowledge of the class; (2) data collection - application of a questionnaire and drawings and narrative orientation; (3) analysis and interpretation of data. As a result, similar representations to the classics were identified in the texts and drawings, when describing the appearance of the characters, but representations for independent prince and princess were also identified, closer to those present in the Anti-princesses and Anti-Heroes Collection. Thus, it was possible to realize that the students, since the contact with different Tales and perspectives, experienced an autonomous writing practice which they problematized and chose what they would like to represent in their texts.

**Keywords:** Gender Representations. Anti-princess collection. Training readers.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3ed. Trad. Maria Ermantina Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BETTELHEIM, B. **Na terra da fadas**. Análise das personagens femininas. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental - Língua Portuguesa**. Brasília, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANTON, K. **Os contos de fadas e a arte**. São Paulo: Prumo, 2009.

DIATKINE, R. **Histórias sem fim**. Entrevista. *Veja*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1993, p. 7-9.

FERNANDES, Maria L. O. O texto literário na formação da criança. In: ANGOTTI, Maristela (org.). **Educação Infantil: da condição de direito à condição de qualidade no atendimento**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009. p. 89-14.

FINK, N. **Antiespelho: guia para ser uma antiprincesa**. Florianópolis. Sur, 2019.

FINK, N. **Che Guevara: para meninas e meninos**. Coleção Anti-heróis 2. Florianópolis, Sur, 2017a.

FINK, N. **Eduardo Galeano: para meninas e meninos**. Coleção Anti-heróis 1. Florianópolis, Sur, 2017.

FINK, N. **Clarice Lispector: para meninas e meninos**. Coleção Antiprinçasas 3. Florianópolis, Sur, 2016.

FINK, N. **Frida Kahlo: para meninas e meninos**. Coleção Antiprinçasas 1. Florianópolis. Sur, 2016b.

FINK, N. **Violeta Parra: para meninas e meninos**. Coleção Antiprinçasas 2. Florianópolis. Sur, 2016c.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo. Paz e Terra, 2005.

JOSÉ, E. A; COELHO, M. T. **Problemas de Aprendizagem**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1999, 232 p.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 9 ed. Campinas: Pontes, 2004.

MENDEL, L. **O poder da escrita**. Trad. Constância Egrejas. São Paulo: Rosari, 2011.

MIELNIK, I. **O comportamento infantil**. 2 ed. São Paulo: IBRASA, 1982.

OTEÍZA, T. **El discurso pedagógico de la historia**. Santiago: Frasis, 2006.

PROUT, A. **Reconsiderando a nova sociologia da infância**. Cafajeste. Pesqui. São Paulo, v. 40, n. 141, p. 729-750, dezembro de 2010.

SOARES, D. A. **Produção textual e revisão textual: um guia para professores de Português e de Línguas Estrangeiras**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

VYGOTSKY, L. S. A. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

**APÊNDICE A - Questionário sobre representação de príncipes e princesas**

**E. E. F. AUGUSTO COLATTO**  
**Xanxerê – Santa Catarina**

**Professora *Quézia D. C. Lemos***  
**Língua Portuguesa - 3º ano**

Meu nome \_\_\_\_\_

Dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**ENTREVISTA 1**

01. Você conhece alguma história que é um conto de fadas? Caso conheça, poderia citar o nome de alguma?

\_\_\_\_\_

02. Existe um conto de fadas que seja o seu preferido? Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

03. Como você pode definir, nos contos de fadas:

a. Princesa - *é aquela que* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b. Príncipe - *é aquele que* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

04. Quais são as principais características que você consegue identificar nestes personagens?

a. Princesa - \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b. Príncipe - \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

05. Nos contos de fadas, tem algo que chame sua atenção quanto ao modo de vida dos personagens? O quê? Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

06. A sua vida tem algo a ver com os contos de fadas? Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

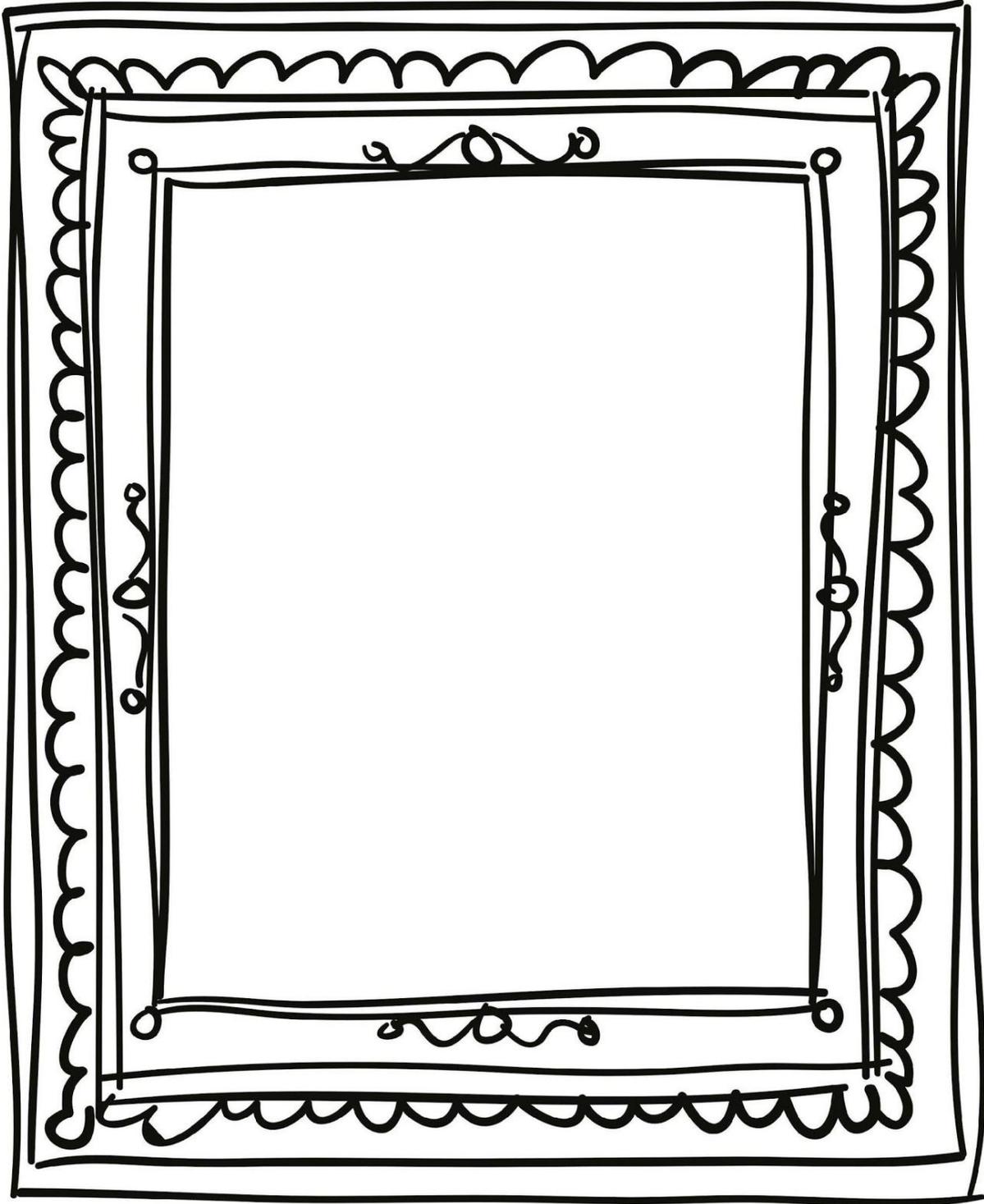
07. Você pensa que é possível viver da forma vivida nos contos de fadas? Explique:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA – PARTE 1

Você consegue representar sua imagem no espelho, sendo você um príncipe ou uma princesa?  
Mãos à obra!!!



**APÊNDICE B** - Questionário sobre representação de anti-heróis e antiprincesas

**E. E. F. AUGUSTO COLATTO**  
Xanxerê – Santa Catarina

**Professora *Quézia D. C. Lemos***  
Língua Portuguesa - 3º ano

Meu nome \_\_\_\_\_

Dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**ENTREVISTA 2**

01. Você conhecia alguma história da Coleção Antiprincesa e Anti-herói ?

\_\_\_\_\_

02. Qual sua opinião sobre os personagens apresentados desta coleção? Por quê?

\_\_\_\_\_

03. Como você pode definir, nas histórias das Coleções Antiprincesas e Anti-herói:

c. Antiprincesa - *é aquela que* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

d. Anti-herói - *é aquele que* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

04. Quais são as principais características que você consegue identificar nestes personagens?

a. Antiprincesa - \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b. Anti-herói - \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

05. Nas histórias de antiprincesas e anti-heróis, teve algo que chamou sua atenção quanto ao modo de vida dos personagens? O quê? Por quê?

\_\_\_\_\_

06. A sua vida tem algo a ver com as histórias de antiprincesas e anti-heróis? Por quê?

\_\_\_\_\_

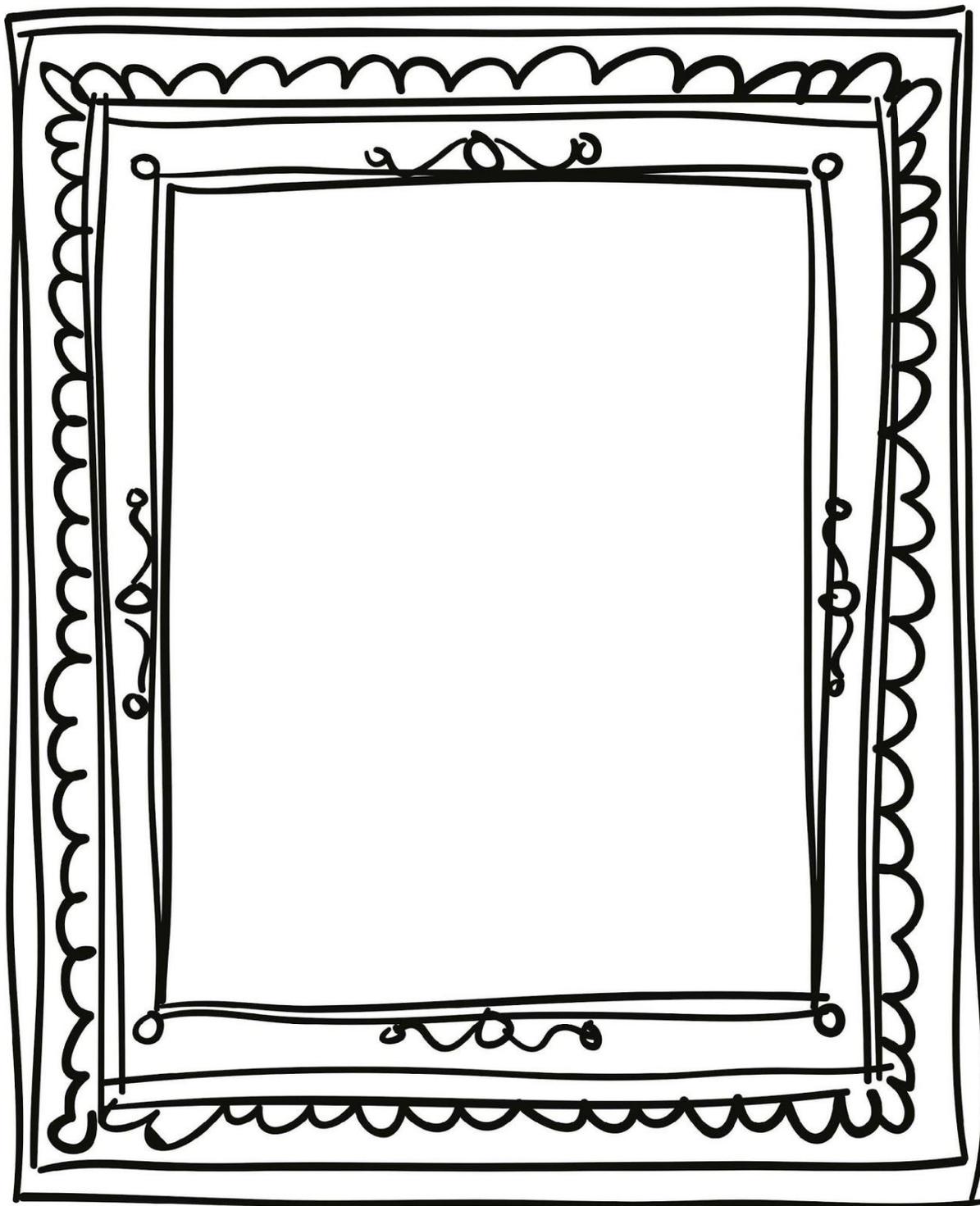
07. Você pensa que é possível viver da forma vivida nas histórias de antiprincesas e anti-heróis?  
Explique:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA – PARTE 2

Você consegue representar sua imagem no espelho, sendo você um anti-herói ou uma antiprincesa?  
Mãos à obra!!!



## APÊNDICE C - Proposta de produção textual

E. E. F. AUGUSTO COLATTO  
Xanxerê – Santa Catarina

Professora *Quézia D. C. Lemos*  
Língua Portuguesa - 3º ano

Meu nome \_\_\_\_\_

Dia \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

### PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL <sup>5</sup>

Você participou de momentos incríveis com histórias selecionadas que relataram príncipes e princesas, anti-heróis e antiprincesas. Agora é sua vez de ter um momento como criador de história. Isso mesmo! Você poderá escrever uma história seguindo as orientações abaixo:

- a. Escolha um dos contos apresentados: Rapunzel, Bela Adormecida, Aladim ou Rei Arthur.
- b. Reinvente a história trazendo-a para o tempo que você está vivendo.
- c. Poderá iniciar sua história com “Era uma vez...” ou outro que dê a indicação de tempo.
- d. Escolha quem será o protagonista e o que você quer contar dela/dele para que o/a torne reconhecida/o... como será seu príncipe, princesa (ou anti-herói e antiprincesa)? Quais serão suas características? Quais aventuras vai enfrentar? Para isso, você pode inspirar-se em pessoas que você conhece e que fazem ações heroicas, assim como vimos que Frida, Clarice Eduardo eram pessoas que faziam, diariamente, um ato heroico.
- e. A história deverá ter pelo menos três parágrafos de acordo com as ideias que aprendemos de início, meio e fim.
- f. Ah! O final da história pode ser algo bem surpreendente, afinal, você a trouxe para os dias de hoje.
- g. No final, é a hora de dar um título bem interessante para o que você escreveu.
- h. Escreva em um rascunho. Depois leia o que escreveu e faça as correções que conseguir. Confira os três parágrafos. Então, passe a limpo na folha indicada e entregue a versão final para sua professora.
- i. Boa escrita! Boa imaginação! Boa diversão!

---

<sup>5</sup> Proposta adaptada de um livro didático.